

## A ONDA AZUL NA AMÉRICA LATINA

**Ricardo Vélez Rodríguez**

Após 20 anos de surto populista vermelho, a América Latina parece estar entrando numa etapa de desmonte dos dinossauros criados pelos ativistas que acreditavam nos furados ideais socialistas. A onda foi puxada pelos opositores ao radicalismo da “Revolução Bolivariana” do coronel Chávez, na Venezuela, cujo resultado todos conhecemos: empobrecimento progressivo da população, violência crescente, disparada dos índices de criminalidade, corrupção, ineficiência, perda de esperança, males que aumentaram na gestão do sucessor de Chávez, o inepto e narcotraficante Maduro.

O Brasil não ficou alheio a esse fantasma: nos deparamos com um Estado hipertrofiado e em progressivo desmonte. O buraco financeiro causado pela petralhada nestes anos de desmandos políticos e econômicos, já ultrapassa a astronômica soma de um trilhão de reais, conforme foi calculado pelos economistas Mônica de Bolle e Paulo Rabello de Castro. E as coisas podem piorar, caso Dilma e patota não pararem com as suas perversas prestidigitações. A “ajuda” que o cada vez mais enrolado Lula ofereça a Dilma parece nestes momentos mais abraço de afogado do que boia de salvamento. O Lularápio está mesmo enrolado na história do triplex do Guarujá e do sítio de ninguém em Atibaia. A operação Lava Jato lambe os seus calcanhares.

Também começa a fazer água o barco do cocalero Morales na Bolívia, sendo que já chegou ao seu fim a era kirchnerista na Argentina com o triunfo do liberal Macri, nas recentes eleições presidenciais. O bolivariano Lugo, por sua vez, já há alguns anos foi defenestrado pelos nossos vizinhos paraguaios, continuando a “onda azul”. Na Colômbia, o presidente Santos que assumiu posições de esquerda, está bastante desgastado e, num futuro pleito, forças conservadoras ocuparão, certamente, o seu lugar. No Uruguai, o presidente socialista Tabaré Vázquez ostenta índices preocupantes de rejeição após o primeiro ano de mandato, na trilha do governo esquerdista de José Mujica, cujas grandes realizações foram a democratização da maconha e o casamento gay. Mujica, a bem da verdade, foi um governante honesto. Mas as coisas pararam por aí. Honestos socialistas não roubam. Mas não deixam marcas de reformas significativas que potencializem a economia. Capitalismo não é com eles. E socialismo, sabemos, é uma máquina que gasta e não produz. Os uruguaios, certamente, se fossem feitas eleições hoje, escolheriam um mandatário da direita ou de centro.

No México, o conservador Enrique Peña Nieto (do PRI) assumiu o poder, após uma série de presidentes de centro-esquerda. As reformas postas em marcha por Peña-Nieto para acelerar a economia estão dando certo, em que pese a guerra que se viu obrigado a declarar ao narcotráfico. Os cartéis mexicanos ocuparam o espaço deixado

pela derrota dos cartéis colombianos de Medellín e de Cáli. A abertura à iniciativa privada tem sido um chamariz para os investidores que, diante das desgraças do Brasil, mudaram de endereço para os seus investimentos e os estão alocando no México. A indústria automobilística que o diga. No Equador, o “bolivariano” Rafael Correa está bastante desgastado no cargo, após ter tentado amordaçar a imprensa independente e pretender se perpetuar no poder, com medidas semelhantes às postas em prática pelos seus homólogos bolivarianos Hugo Chávez (na Venezuela) e Evo Morales (na Bolívia).